

# Um corpo, muitas cabeças: cosmologia e diálogos sobre as *ritxoko* cabeça-muita do Museu do Índio do Rio de Janeiro

## One body, many heads: cosmology and dialogue on *ritxoko* cabeça-muita from Museu do Índio of Rio de Janeiro

**Luciana de Castro Mendonça**

Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

luciana.castro.mendonca@gmail.com

**Gabriel de Figueiredo da Costa**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil.

gabriel.de.figueiredo@gmail.com

**Labé Kàlàriki Idjawaru Karajá**

Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil

labelny3@gmail.com

**Resumo:** As bonecas *ritxoko* são instrumentos de preservação e propagação da cultura do povo *Iny* Karajá, e apresentam significados e significantes diversos para além da rotina e hábitos do povo falante do *Inyrybè*. Assim, a cosmologia e suas histórias sobrenaturais encontram espaço importante nas temáticas modeladas pelas ceramistas. A partir do Projeto de Pesquisa Presença Karajá, tem sido possível mapear, de forma digital, as bonecas do Museu do Índio do Rio de Janeiro, com peculiar e extenso acervo datado a partir do século XX. Sendo assim, o intuito deste trabalho é tecer diálogos entre as descrições do museu imputadas nos exemplares de bonecas "cabeça-muita" do acervo com os possíveis significados atribuídos a elas pelo próprio povo *Iny*. O viés decolonial presente no

Projeto estimula e impulsiona tal desejo pela expansão dos diálogos entre o povo *Iny* Karajá, a comunidade museológica e as bibliografias acerca das *ritxoko*.

**Palavras-chave:** *Ritxoko*. Projeto Presença Karajá - *Iny* Karajá - Cosmologia. Museus.

**Abstract:** *Ritxoko* dolls are instruments for the preservation and propagation of the culture of the *Iny* Karajá people, and they have different meanings and characteristics beyond the routine and habits of the *Inyrybè*-speaking people. Thus, cosmology and supernatural stories find an important space amongst the themes modeled by the ceramists. Based on the "Presença Karajá" Research Project, it has been possible to digitally map the dolls of Museu do Índio in Rio de Janeiro, with a peculiar and extensive collection dating from the 20th century. Therefore, the purpose of this work is to weave dialogues between the descriptions imputed by the museum in the "much-headed" dolls in the collection in comparison with the possible meanings attributed to them by the *Iny* people themselves. The decolonial bias present in the Project stimulates and drives this desire for the expansion of dialogues between the *Iny* Karajá people, the museological community and the bibliographies about *ritxoko* dolls.

**Key words:** *Ritxoko*. Karajá Presence Project - *Iny* Karajá - Cosmology. Museums.

*Recebido em março de 2022.*

*Aceito em setembro de 2022.*

## Do museu às margens do rio

Este artigo pretende costurar, ainda que de forma inicial, diálogos entre as descrições dos exemplares de *ritxoko* que representam seres cosmológicos Karajá disponíveis no acervo do Museu do Índio do Rio de Janeiro<sup>1</sup> com os possíveis significados atribuídos a elas pelo próprio povo *Iny*. Como recorte de estudo, colocamos sob a luz de nossas lentes, especificamente, duas *ritxoko* que representam tartarugas de muitas cabeças, *Òtuni rati sõe-sõe*, como é dito em *Inyribè*.

A pesquisa faz parte do Projeto Presença Karajá: cultura material, tramas e trânsitos coloniais, iniciado em 2017, e que felizmente, segue para sua segunda etapa, conforme pontuado por Duarte Cândido e Rocha (2021, p. 296):

Nesta primeira etapa foram particularmente desenvolvidos a ampliação da cartografia de instituições que possuem as *ritxoko* e o contato com algumas delas para um trabalho mais sistemático de documentação destes acervos, com a criação de um Instrumento Comum de Coleta dos Dados da Pesquisa (IC), que permite uniformizar e futuramente comparar os dados registrados de maneira muito variada de uma instituição a outra. Consideramos necessário mais tempo para estudos aprofundados sobre os trânsitos coloniais envolvidos na formação das coleções, razão pela qual optamos por ampliar o projeto para a etapa 2 (2021-2024).

1 - O acervo digitalizado do Museu do Índio do Rio de Janeiro está disponível em <https://museudoindio.tainacan.org/>, o que nos permitiu remotamente conhecer as *ritxoko* pertencentes à instituição. Para nosso mapeamento, utilizamos os seguintes filtros de busca dentro do site: categoria: cerâmica < povo: karajá < document type: imagem/JPEG, totalizando 968 itens encontrados. Entretanto, excluindo aqueles referentes ao uso doméstico (potes, panelas) e figuras representativas de animais, que não entram em nosso escopo de pesquisa, temos 861 *ritxoko* disponibilizadas. Importante ressaltar, a nível de informação, que não foi possível mapear e catalogar todas as *ritxoko* disponibilizadas, visto que 514 itens possuem apenas imagens em baixíssima resolução, o que nos impediu de analisar com qualidade os descritores das peças, suas características e detalhes. Também são apontados 269 itens dentro da categoria cerâmica do povo Karajá que não possuem imagens.

2 - Língua falada pelo povo *Iny* Karajá.

O Projeto Presença Karajá possui forte característica interdisciplinar desde o início de sua trajetória, o que proporciona uma gama de trocas diversificadas entres profissionais de variadas áreas de atuação, em uma soma de olhares distintos e plurais.

Todavia, o que enriquece fortemente a pesquisa, ao nosso ver, é a presença Karajá em si, por meio da atuação dos pesquisadores(as)/ integrantes *Iny* no projeto, desde suas participações nos grupos de estudos até a análise dos acervos mapeados, como é o caso deste artigo, que resulta da colaboração valiosa de *Labé Kàlàriki Idjawanu Karajá*<sup>3</sup> sobre as *ritxoko* "cabeça-muita".

O agenciamento estimulado pelas possibilidades de retorno ao menos digital destes acervos ao povo *Iny* Karajá é algo que terá mais destaque na etapa 2 (2021-2024) do Projeto Presença Karajá, malgrado as dificuldades práticas de um projeto sem financiamento. Para tal, estamos em diálogo com a produção do conhecimento no campo da Museologia Social e do que ela bebe nas teorias decoloniais (MORAES WICHERS, 2019), além de contar em nossa equipe com pesquisadores *Iny* Karajá.

O episódio supracitado reforça a importância do projeto e de seu trabalho de mapeamento, registro e difusão das coleções de *ritxoko* musealizadas desde pelo menos o final do século XIX, como estratégia também de facilitar o acesso dos e das indígenas a estas importantes referências culturais, o que será intensificado na próxima etapa do projeto. (DUARTE CÂNDIDO; ROCHA; 2021, p. 301)

3 - Labé Kàlàriki Idjawanu Karajá é Graduado em Abi - Educação Intercultural pela UFG, 2019, pesquisador e também integrante do Projeto Presença Karajá.

Trabalhar lado a lado dos e das protagonistas da narrativa Karajá impulsiona a expansão do olhar, por vezes tão viciado e ainda em processo de decolonização dos pesquisadores *tori* (não indígenas, em *Inyrybè*).

[...] o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas (moderno, pós-moderno, altermoderno, ciência newtoniana, teoria quântica, teoria da relatividade etc.). Não é que as epistemes e os paradigmas estejam alheios ao pensamento decolonial. Não poderiam sê-lo; mas deixaram de ser a referência da legitimidade epistêmica. (MIGNOLO, 2017 apud CALAÇA; ANDRADE, 2021, p. 279).

5

Nota-se, assim, que o viés decolonial do projeto se dilata conforme os pesquisadores(as) Karajá adentram os acervos, fisicamente ou virtualmente, sendo este último o formato que mais vem sendo utilizado na pesquisa. A cada olhar *Iny* impresso em uma *ritxoko*, se abrem variadas possibilidades diante dos nossos olhos de *tori*, somos sacados de uma visão delimitada, e jogados em uma torrente de descobertas e perspectivas.

## Eles vieram do fundo do rio

O mito de origem do povo *Iny* jorra do fundo do grande rio, o *Berohoky*. Segundo Nunes (2016, p. 30):

A limitação dos registros historiográficos e arqueológicos, porém, contrasta com a riqueza das narrativas *Iny*, que elaboram em

minúcias o tema do surgimento da humanidade e da ocupação da calha do Araguaia. As etnografias karajá apontam para uma única narrativa como o “mito de origem da humanidade”, aquela que conta como os *Iny* que habitavam o *Berhatxi*, o mundo subaquático, patamar inferior do cosmos, descobriram uma passagem para o mundo de fora e saíram para viver às margens do Araguaia. (NUNES, 2016, p. 30).

Isto mostra que o rio Araguaia passa e perpassa por toda a história Karajá, e segundo Cavalcanti-Schiel (2005, p. 2-3) ele é “(...) o principal eixo referencial para a vida dos Karajá. É dele que tira o sustento esse povo indígena ribeirinho e é ele que está presente nas mais importantes elaborações cosmológicas”.

Assim, a existência *Iny* brota debaixo das águas desse rio, mas também acontece às margens dele. "Referindo-se aos diversos planos cosmológicos, muitas vezes os Karajá se auto-designam como *ityamahãdu* (“o pessoal do meio/metade”), referindo-se à sua posição mediana entre o plano das profundezas e os três planos celestes." (TORAL, 1992, p. 146).

Como se nota, não é possível nos referir ao povo *Iny* Karajá sem salientarmos a existência do rio Araguaia. Não apenas como fonte de alimento, pois é dele que os Karajá ao longo de sua existência retiravam e retiram seus alimentos, como peixes e tartarugas, por exemplo, mas também como provedor do barro utilizado na produção das *ritxoko* (LIMA; et al, 2011).

Quando se esculpe este barro que é parte da própria essência *Iny*, se revelaria então o imaterial no material de uma forma ainda mais intrínseca? Não só na reprodução dos afazeres diários, rituais e de sua organização social, o barro moldado pelas mãos dessas mulheres parece expor o que a oralidade narra.

As *ritxoko* se revelam também como autênticos veículos de acesso às representações do imaginário Karajá, quando retratam personagens míticos e seres sobrenaturais, além das próprias cenas das histórias e mitos de sua tradição oral. Neste sentido são a materialização dos conteúdos imateriais da cultura Karajá. (CHANG, 2010, p. 185)

## Memória e existência na ponta dos dedos

Ao se modelar o barro com as pontas dos dedos, cria-se história ou desenha-se a memória? Seria esse fazer *ritxoko* um deslumbre tátil do que a mulher *Iny* imagina e interpreta sobre a sua sociedade e cultura, as esculpando em formas para que se possa ver com os olhos e se tocar com as mãos? *Mahuederu*, ceramista-mestre Karajá, esculpe o barro, mas também talha por meio das palavras, não nos deixando esquecer de que "tudo é história!" (CHANG, 2010), e de que a história contada pelas *ritxoko* é ouro<sup>4</sup>.

Falar sobre a cultura *Iny* Karajá é percorrer um rio de resistência ao longo de séculos. Este povo que veio do fundo do Rio<sup>5</sup> navega por águas banhadas em uma cultura forjada e preservada, em especial, através da oralidade:

Mesmo que não esteja registrado através da escrita, está sempre guardado na memória dos anciãos e passando às novas gerações para que não caia no esquecimento. A memória continua viva. Neste sentido, o povo *Iny* valoriza muito as histórias antigas que vem da sabedoria dos velhos, que nos ensinam o mérito da sua importância na nossa vida, as quais precisam sempre ser

4 - Ao se referir ao potencial econômico da produção e venda das *ritxoko*, a ceramista-mestre *Mahuederu* exclama que "*ritxoko* é ouro!" (DUARTE CÂNDIDO; LIMA, 2017)

5 - "Em relação à origem do meu povo, foi que abordei a história do nosso antepassado, onde os *Iny* eram do fundo rio Araguaia. Essa informação não foi coletada pelo livro, mas sim pelos anciãos e pela nossa biblioteca viva. Isso também para alertar a juventude, enquanto os mais velhos ainda estão vivos, para buscar informação, conhecer a forma de valorizar os nossos costumes." (KARAJÁ, 2015, p. 79).

contadas para sempre serem lembradas. (KARAJÁ, 2015, p. 17)

Assim, as *ritxoko* e o próprio ato de fazê-las acaba por ativar formas de persistência cultural do povo karajá. "Ao reproduzir os padrões de fabricação que lhe foram repassados pela tradição, as ceramistas contribuem para a afirmação de sua identidade karajá, além de contribuir para a reprodução do mundo simbólico, além do mundo material" (ROSA, 2020, p. 139).

As histórias, memórias e a própria cultura *Iny* contada por palavras alcançam uma voz visual através das ceramistas Karajá e suas *ritxoko* (CHANG, 2010). Elas "falam visualmente e afirmativamente sobre suas vidas e cultura, tanto para a sua própria gente, os *Iny*, como para o mundo tori" (CHANG, 2010, p. 187).

Ainda nas palavras de Chang (2010, p. 185):

As *ritxoko* podem ser consideradas como auto-retratos étnicos, uma vez que retratam apenas a gente *Iny* e informam sobre a imagem que o *Iny* tem de sua própria pessoa, de sua própria identidade. Através das *ritxoko*, as ceramistas contam a história do povo Karajá, as atividades da vida cotidiana, e os momentos importantes na vida social Karajá, como nascimento, namoro, morte, ritos, entre muitos outros aspectos.

**FIGURA 1** — Detalhe do rosto de *Ritxoko* representando uma jovem mulher *Iny* com komarura, marca característica do povo *Iny* Karajá e pintura corporal vermelha.



Fonte: Museu do Índio do Rio de Janeiro, disponível em: <https://museudoindio.tainacan.org/>

Outra face que brilha e destaca a importância da produção das *ritxoko* é a angariação de recursos financeiros gerados para as aldeias Karajá, em especial, após sua patrimonialização, que completa 10 anos em 2022 (LIMA; *et al*, 2012). Este traço marca a participação ativa deste ofício nas relações estabelecidas para além da sociedade Karajá, as relações com os *tori*.

As relações amistosas entre o governo e os Karajá tiveram grande visibilidade, assumindo a *ritxo(k)o* o papel de emblema da cultura. Além disso, tornaram-se artigo popular entre os turistas que visitavam a região do Araguaia (Chiara 1970). Os estudos da época atribuem a essa efervescência política e econômica uma mudança na forma de fazer *ritxo(k)o* que buscava impulsionar as vendas e agradar o público *tori* (Simões 1992; Faria 1959; Costa 1968; Chiara 1970). Chang (2010) ressalta que as relações com os brancos podem ser de amizade ou comerciais. Defendo ainda um terceiro tipo de relação, que se estabelece com pesquisadores. Também mediada pelas *ritxo(k)o*, o que se estabelece não é apenas a obtenção de dinheiro, mas outros tipos de parceria, como a que culminou com o processo de patrimonialização. (FARIAS, 2021, p. 774).

No entanto, Karajá (2015) alerta para a importância de se manter vivas as formas de ser e existir *Iny*, apesar das relações que foram e seguem sendo construídas com a sociedade envolvente.

A longa história do contato com a sociedade não indígena, jamais impediu de manter os costumes tradicionais do povo *Iny*, como: a língua, os rituais (Hetohokỹ, Aruanã), artesanatos (cerâmica-*Ritxoko* que é patrimônio nacional). Apesar de que ao longo desta trajetória, duas aldeias deixaram de falar sua língua materna, devido a influência da língua portuguesa no meio desse

povo, principalmente o *Iny* (Karajá) do norte e do sul. Por isso, é muito importante buscar nossa forma tradicional de viver, para preservar e ao mesmo tempo para valorizar a tradição herdada de nossos ancestrais. (KARAJÁ, 2015, p. 24).

Pode ser considerado assim que:

Através da modelagem do barro e da confecção das figuras de cerâmica, as mulheres karajá fabricam bonecas para serem brinquedos de meninas e lhes imprimem aspectos da vida cotidiana, ritual e sobrenatural, tornando-as importantes instrumentos nos processos educativos e de socialização, transmitindo também conhecimentos ancestrais e características identitárias daquele povo. Dessa forma, as *ritxoko* recobrem o contexto da produção e reprodução da vida cultural karajá e ganham centralidade expressiva no contexto das comunidades que as produz. (LIMA; LEITÃO, 2019, p. 230)

Com a ação do fazer *ritxoko* se inicia um denso itinerário de transmissão de saberes Karajá. As ceramistas, sentadas em suas esteiras durante o processo de modelagem do barro, têm ao seu redor as crianças, em especial as meninas, visto que é um ofício realizado somente pelas mulheres.

Entre observar o fazer e ouvir os diálogos das ceramistas, as meninas entram em contato de forma lúdica e densa com sua cosmologia, com as características da cultura *Iny*, com a língua *Inyribè* e com as representações dos diferentes papéis existentes em sua sociedade. Logo, são estimuladas a dar continuidade a este ofício, que por sua vez, colabora diretamente com a resistência cultural Karajá diante das, cada vez mais intensas, relações com o universo não indígena. (DUARTE CÂNDIDO, KARAJÁ, MENDONÇA, 2021, no prelo).

## Memória e existência na ponta dos dedos

Em tempos em que muito se faz à distância e virtualmente, foi-nos possível pesquisar e nos debruçar sobre o acervo de *ritxoko* do Museu do Índio do Rio de Janeiro, disponível online. Esta instituição conta com coleções etnográficas de povos indígenas no Brasil, obtidas através de doações e/ou compras a partir de 1947 e podem ser visualizadas por meio do site da instituição<sup>6</sup>.

No que diz respeito à cerâmica Karajá, encontramos um intervalo da data de entrada das peças a partir do ano de 1950 até 2016. Com um número composto por quase mil exemplares de *ritxoko* e também um considerável intervalo de anos de produção e entrada dos itens no museu, nota-se extensa diversidade e variedade nas *ritxoko* presentes nesse rico acervo.

Ao percorrer página por página, nos deparamos então com algumas *ritxoko* com mais de uma cabeça. Logo, nos demos conta de que os descritivos colocados na catalogação do museu soavam genéricos e pouco conclusivos sobre a representação daquelas esculturas de cerâmica, denominadas na documentação como "figuras fantásticas".

Atentos ao fato de que mitologia e história no universo Karajá não se configuram, necessariamente, opostos, antes como possíveis extensões entre si, o anseio por aprofundar o conhecimento sobre as *ritxoko* cosmológicas foi necessário e sinérgico para a nossa pesquisa.

Assim, a morte ou ida para a aldeia do fundo das águas tem um sentido de "volta" ao lugar de origem, dos tempos míticos, de onde saíram os primeiros Karajá, de modo que o futuro (a existência após a morte) é realmente uma volta ao passado.

<sup>6</sup> - Dados obtidos na página *online* da instituição através do link <https://museudoindio.tainacan.org/>, onde se pode verificar outras informações sobre a constituição do acervo etnográfico do museu.

O que demonstra que os Karajá em geral não fazem distinção valorativa entre mito e história. Ou seja, os mitos não têm uma conotação de falsidade em oposição à história. E, como já ressaltado anteriormente, mito é história. (LIMA, 2014, p. 26).

Como parte da metodologia da pesquisa já citada nesse artigo, as *ritxoko* mapeadas são inseridas no Instrumento Comum de Coleta de Dados, considerando as informações<sup>7</sup> fornecidas pelas instituições as quais são pertencentes. Todavia, no campo referente à descrição, trabalhamos em cima de uma expansão dos descritores oferecidos, para poder nos aproximar ao máximo dos significados *Iny* ali imputados no barro modelado.

Decidimos realizar contatos com algumas ceramistas Karajá, intermediados pelo pesquisador Labé Kàlàriki, para ouvir por parte do povo Karajá e de suas ceramistas o que essas *ritxoko* poderiam representar. Já tínhamos em mente e em mãos a narrativa feita por *Mahuederu*, ceramista de Santa Isabel do Morro, localizada na Ilha do Bananal, no Estado do Tocantins, sobre tais *ritxoko* de muitas cabeças, depoimento gentilmente cedido por Nei Clara de Lima<sup>8</sup> transcrito abaixo:

Antigamente, os homens iam atrás de tartarugas para o seu alimento, mas havia uma que tinha várias cabeças, uma fera que morava no fundo do rio... E esse bicho matou os maridos karajá... Então elas fizeram a imagem da cabeça assim, fizeram uma boneca em cerâmica desse jeito assim... Essa é uma história dos antigos...

7 - Campos de catalogação presentes nas peças disponíveis no Museu do Índio do Rio de Janeiro: número do item, Categoria (Divisão que aparece na home do acervo; Nome do item de acordo com o dicionário; Nome étnico do item; Modo de aquisição; Data de confecção do item; Descrição; Dimensões; Função; Técnica de confecção; Descritor temático; Número de peças; Responsável pela guarda; Instituição detentora; Povo; Auto identificação; Língua; Estado de origem; País de origem; Referência bibliográfica; Disponibilidade do objeto; Estado de conservação; Nome do povo usado no cadastro do item; Data padronizada; Sem imagem principal.

8 - Profa. Dra. Nei Clara de Lima é antropóloga, professora aposentada da FCS/UFG e ex-Diretora do Museu Antropológico da UFG. É integrante do Projeto Presença Karajá desde o seu início, com papel fundamental na Vice-Coordenação do mesmo de 2017 a 2020.

Essa boneca de muitas cabeças é a tartaruga, o bicho que morava no fundo do rio, e matou os maridos das mulheres karajá... E elas representam assim... E hoje a gente faz assim para mostrar pra todas as crianças, moças, rapazes, para que eles tenham o conhecimento da história... É isso.

**FIGURAS 02 E 03:** *Ritxoko* “cabeça-muita”, registrada na documentação do acervo do Museu do Índio do Rio de Janeiro pelo número 7212.



Fonte: Museu do Índio do Rio de Janeiro, disponível em: <https://museudoindio.tainacan.org/>

Durante nossos diálogos sobre as figuras de muitas cabeças representadas nas *ritxoko*, Labé Kàlàriki reiterou que:

Sim, bonecas *ritxoko* mostram a realidade de vida cotidiana vivida pelos *Iny*, além de representatividade da figura cosmológica. Como por exemplo: as bonecas com várias cabeças, que representa um elemento mítica “òtunirati sõe-sõe” que significa “tartaruga com várias cabeças”. Conta-se que tartaruga com várias cabeças, morava no Rio, e que os *Iny* iam pescar e não voltava mais, depois descobriram que a tartaruga matava os *Iny*. E para lembrar esse ser mitológico ganhou a forma de *ritxoko* em forma de barro.

De “figuras fantásticas”, conforme catalogadas pelo Museu do Índio do Rio de Janeiro, àquelas *ritxoko*<sup>9</sup> quando revisitadas por olhares *Iny*, germinou um diálogo entre o material ali documentado pela instituição com o imaterial gravado naquelas cerâmicas queimadas. Como um brinde ao encontro entre a história e mitologia Karajá, o depoimento de *Myixa* Karajá<sup>10</sup>, filha de *Mahuederu*, também ceramista e residente na Ilha do Bananal, no Estado do Tocantins, nos detalha, ainda mais, informações sobre as *ritxoko* cabeça-muita:

Esta *ritxoko* de três, de cinco, de seis cabeças representam um só na mitologia... Antigamente quando os *Iny* iam pescar em algum lugar, tipo na praia, no lago, eles não voltavam. E depois de muito tempo descobriram que os *Iny* estavam morrendo por um ser sobrenatural, a tartaruga e esta tartaruga tinha várias cabeças, cinco, seis cabeças... E estas tartarugas matavam os *Iny*...

E com o tempo tentaram capturar esta tartaruga e não conseguiram, né, porque devido... pra nós um ser sobrenatural se chama *aõni*, *aõni* é um ser sobrenatural...então, ele era *aõni* e os *Iny* tinham medo dele, medo de ir pescar e eles tiveram que mudar a rota da pescaria e não passar no lugar onde eles estavam ficando e pegando os *Iny*.

E para representar este ser mítico, né... os *Iny*, as mulheres fizeram esta simbologia através da *ritxoko* ... eles não quiseram desenhar a tartaruga.... a tartaruga mesmo, com várias cabeças. Elas não conseguiram fazer, mas também não acharam bom assim de fazer... aí acharam, fizeram de forma humana... de forma humana e com várias cabeças. Acharam melhor fazer isso.

9 - As duas *ritxoko* aqui analisadas estão registradas no acervo digitalizado do Museu do Índio do Rio de Janeiro pelos números 7212 e 7215, respectivamente, disponíveis em: <https://museudoindio.tainacan.org/>.

10 - O depoimento de *Myixa* Karajá foi coletado in loco por Labé Kàlàriki em janeiro de 2021.

Então, ela representa uma história, uma mitologia dos que estavam matando os *Iny*, esta tartaruga de várias cabeças... este é o significado desta boneca *ritxoko* com várias cabeças.

**FIGURAS 04 E 05:** Ritxoko “cabeça-muita”, registrada na documentação do acervo do Museu do Índio do Rio de Janeiro pelo número 7215.



Fonte: Museu do Índio do Rio de Janeiro, disponível em: <https://museudoindio.tainacan.org/>

O depoimento de Myixa transita entre questões intrínsecas aos Karajá, como a sua forte característica de povo pescador, apresenta um traço de sua cosmologia manifesta através dos animais, salienta o hábito de se consumir a carne de tartaruga e outros temas. Os diálogos ocasionados pela revisitação do povo *Iny* às *ritxoko* que se encontram em diversos acervos pelo Brasil e mundo, em especial, àquelas peças datadas de séculos passados, colaboram para que a história desse povo perpetue e seja contada pelos verdadeiros protagonistas, os *Iny* Karajá.

A oportunidade de gerar conversas e trocas entre as instituições museológicas que possuem acervos Karajá com os seus próprios protagonistas, os *Iny*, é uma caminhada almejada pelo Projeto

Presença Karajá, especialmente, em sua próxima etapa.

Assim, contamos contribuir para a proteção e promoção de coleções musealizadas de bonecas karajá, como forma de valorizar a diversidade cultural e especialmente as comunidades detentoras deste rico patrimônio imaterial, retrazando trajetórias de patrimonialização de bens imateriais e da musealização da cultura material a eles associada, por vezes em rotas de afastamento ou de colisão, em um sentido de aproximação e mútua colaboração. (DUARTE CÂNDIDO; ROCHA, 2021 p. 302).

E ainda,

Por meio dos artefatos já musealizados, podemos contribuir para a valorização dos saberes, práticas e expressões do povo *Iny*, em cuja população resistem as ceramistas detentoras dos saberes que envolvem a produção, da coleta do barro à modelagem, queima e pintura (WHAN, 2010; FARIAS, 2014, entre outros) e até mesmo a comercialização das *ritxoko*. (DUARTE CÂNDIDO; ROCHA, 2021, p. 297).

## Considerações e continuações

Esta pequena trilha construída até aqui tem gerado entre nós reflexões densas a serem trabalhadas, e a linha decolonial do Projeto Presença Karajá nos impulsiona a avançar, em águas nem sempre tranquilas, nesta navegação pela cultura e história do povo Karajá.

Com as experiências degustadas neste diálogo inicial com os *Iny* sobre as *ritxoko* 7212 e 7215 do Museu do Índio do Rio de Janeiro, e considerando a comparação destas narrativas Karajá com as próprias descrições realizadas pelo museu, percebemos que há de integrar-se, cada vez mais, a presença deste povo nas instituições museológicas e/ou locais que detenham, por quaisquer que sejam as razões, patrimônios referentes à cultura *Iny*.

Duarte Cândido e Lima (2012, p. 10) colocam de forma elegante que “Hoje, é importante que o museu se coloque numa posição de abertura para que a construção de conteúdos e a produção de sentidos sejam propostas pelas comunidades e não somente de dentro para fora.”

Leite (2012, p. 54), pontua que “Com as propostas da sociomuseologia, os objetos, os espaços e os tempos museológicos ampliaram-se permitindo a emergência de novas narrativas, a participação das comunidades nos processos e a inclusão dos saberes locais e comunitários.”

Assim, reforçamos que uma das formas de resistência cultural e sobrevivência dos povos *Iny* passa intensamente pelo fazer *ritxoko* e se constitui inestimável na preservação e perpetuação da história e existência desse povo. Mas, “Os saberes e fazeres relacionados às *ritxoko*, apesar de oficialmente patrimonializados, só resistirão se houver a transferência entre as gerações *Iny* Karajá, que por sua vez é possível por meio das ceramistas” (DUARTE CÂNDIDO; KARAJÁ; MENDONÇA 2021, no prelo).

Aos próprios *Iny*, as *ritxoko* das ceramistas estão sempre dizendo: “Assim somos nós, os *Iny*, assim é a nossa vida, a nossa cultura, nossas estórias, o nosso jeito de ser. Assim temos sido desde sempre, desde os tempos do passado. Não nos esqueçamos”. Ao povo *tori*, por onde for que as imagens alcancem chegar, elas parecem dizer: “Assim somos nós, o povo Karajá - assim vivemos, assim é a nossa cultura, o nosso modo de ser. É assim que gostamos de viver, é assim que gostamos de ser. Conheçamos” (CHANG, 2010, p. 187).

Cabe a nós ressaltar que os exemplares de *ritxoko* apresentados neste artigo refletem apenas uma pequena parte das *ritxoko* de temática cosmológica presentes no acervo do Museu

do Índio do Rio de Janeiro. Se faz importante destacar isto, pois quando consideramos outras tantas *ritxoko* elaboradas no âmbito de representação da cosmologia *Iny* ali presente, o espectro de interpretações, histórias e narrativas sobre este povo se torna ainda maior. E a cada história cosmológica contada através do barro modelado, se caminha um pouco mais em direção ao conhecimento e perpetuação da presença Karajá.

Acreditamos que visitar as descrições técnicas das *ritxoko* espalhadas por museus no Brasil e no mundo, assim como possibilitar que ceramistas Karajá e a comunidade *Iny* veja e reveja estas peças que hoje, por vezes, estão tão longe das aldeias, é uma forma de dialogar além do olhar *tori*. É abrir ouvidos e mente, desaprender conceitos, reavivar patrimônios e vivenciar a fenda entre o passado e o futuro, pois para os Karajá “O tempo original e o atual estão ligados pelo movimento de eterno retorno. (LIMA, 2014, p. 26) .

## Referências

ANDRADE, Rafael Santana Gonçalves de. **Os huumari, o obi e o hyri: a circulação dos entes no cosmo Karajá**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2016.

CAVALCANTI-SCHIEL, Helena Moreira. **O vermelho, o negro e o branco: modos de classificação entre os Karajá do Brasil Central**. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.uft.edu.br/neai/?p=341> . Acesso em: 20 ago. 2022.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; KARAJÁ, Tuinaki Koixaru; MENDONÇA, Luciana de Castro. **O papel das mulheres *Iny* Karajá na preservação da identidade do grupo: os casos das *ritxoko* e do *hetohoky***. (no prelo).

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; LIMA, Nei Clara de. Presença Karajá: identificação, proteção e promoção de coleções

e do patrimônio imaterial. In: **Anais do 3º Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS) Museologia e suas interfaces críticas: Museu, Sociedade e os Patrimônios**. Belém: Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia e Universidade Federal do Pará e Curso de Museologia FAV/ICA Universidade Federal do Pará, 2017. p. 1883-1852. Disponível em <https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/235601/1/2017%20Presen%C3%A7a%20Karaj%C3%A1%20identifica%C3%A7%C3%A3o%2C%20prote%C3%A7%C3%A3o%20e%20promo%C3%A7%C3%A3o%20de%20cole%C3%A7%C3%B5es%20com%20Nei%20Clara%20de%20Lima.pdf> Acesso em: 20 ago. 2022

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; LIMA, Nei Clara de. **Relatório Projeto Presença Karajá - cultura material, tramas e trânsitos coloniais – Etapa 1 (2017-2020)**. Liège, 2020. p. 223 (Trabalho técnico - material não publicado). Disponível em: <http://hdl.handle.net/2268/256194> . Acesso em: 20 ago. 2022.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; ROCHA, Bárbara Freire Ribeiro. Presença Karajá: biografias e biofilia em uma investigação sobre cultura material. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Goiânia, v.8, n.16, p. 293-307, janeiro a abril de 2021. Disponível em <https://orbi.uliege.be/handle/2268/263171>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FARIAS, Joana Silva de Araújo. Entre bonecas e parentes: uma reflexão sobre as ritxo(k)o karajá. **Etnográfica - Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v.25, n. 3, p.771-794, outubro de 2021. Disponível em <https://vdocuments.net/entre-bonecas-e-parentes-uma-reflexo-sobre-as-ritxoko-.html?page=1> . Acesso em: 20 ago. 2022.

FARIAS, Joana Silva de Araújo. **Modelando parentes: sobre a rede de relações das ritxo(k)o entre os Karajá**. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08072015-113326/pt-br.php> . Acesso em: 20 ago. 2022.

KARAJÁ, José Hani. **As madeiras e seus usos no universo sócio-cultural do povo Inỹ**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Tocantins, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/235> . Acesso em: 20 ago. 2022.

LEITE, Pedro Pereira. **Olhares Biográficos: a poética da intersubjetividade em museologia**. 1. ed. Lisboa: Marca d'Água, 2012

LIMA, Nei Clara de; et al. **Bonecas Karajá: arte, memória e identidade indígena no Araguaia**. Dossiê Descritivo do modo de fazer ritxoko. Goiânia: Museu Antropológico, Universidade Federal de Goiás, IPHAN, 2011. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DossieRtixoko\\_comp.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DossieRtixoko_comp.pdf) . Acesso em: 20 ago. 2022.

LIMA, Nei Clara de; LEITÃO, Rosani Moreira. Patrimônio cultural Iny-Karajá e política de salvaguarda: diálogo intercultural e trabalho compartilhado. In: LIMA Filho, Manuel Ferreira; PORTO, Nuno. **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019. p. 223-260.

NUNES, Eduardo Soares. **Transformações Karajá: os “antigos” e o “pessoal de hoje” no mundo dos brancos**. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia) — Universidade de Brasília, 2016.

ROSA, Amanda Abreu. Bonecas Karajá: cultura e relações sociais por trás das exposições “Brasil Indígena” e “Os Karajás” do Museu Nacional. **Revista Perspectiva Sociológica**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 137-142, agosto de 2020.

TORAL, André Amaral de. **Cosmologia e sociedade karajá**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Atoral-1992/cosmologia\\_e\\_sociedade\\_karaja.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Atoral-1992/cosmologia_e_sociedade_karaja.pdf) . Acesso em: 20 ago. 2022.

CHANG, Whan. **Ritxoko**. A voz visual das ceramistas Karajá. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Univer-

cidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Awhan-2010/Whan\\_2010\\_Ritxoko.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Awhan-2010/Whan_2010_Ritxoko.pdf) . Acesso em: 20 ago. 2022.